



AGENDA DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/dez	Ata do Copom	-	-	-
14/dez	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços	Out/21	0,1% m/m 9,6% a/a	-0,6% m/m 11,4% a/a
15/dez	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Out/21	-0,2% m/m -0,4% a/a	-0,3% m/m 1,5% a/a
15/dez	FGV: IGP-10	Dez/21	-0,57% m/m 16,80% a/a	1,19% m/m 19,78% a/a
16/dez	BCB: Relatório Trimestral de Inflação - RTI	4º tri/21	-	-
16/dez	Reunião CMN	-	-	-

Fonte: Bloomberg.

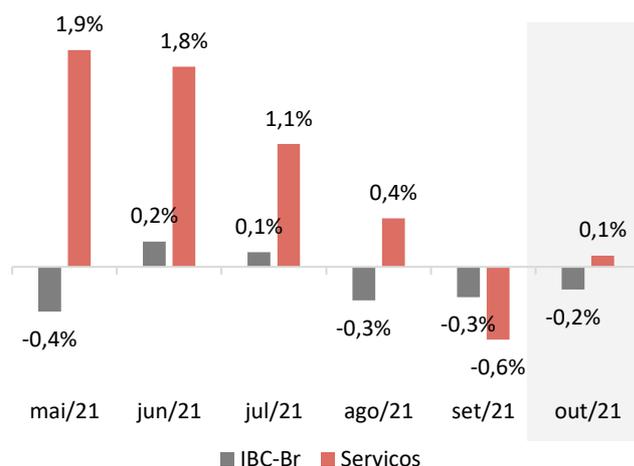
Após postura mais *hawkish* do Copom, Ata da reunião e novas projeções no RTI ganham as atenções da semana

As atenções do mercado estarão voltadas para os documentos que o Banco Central divulgará nesta semana. A Ata da última reunião do Copom será divulgada na terça (14) e o Relatório Trimestral de Inflação (RTI), que traz as novas projeções de inflação e PIB, na quinta (16). Na última reunião, o Colegiado voltou a elevar a taxa Selic em 1,5 pp, para 9,25% aa, além de antever outro ajuste de mesma magnitude na próxima reunião. O movimento era esperado, mas o tom adotado foi bem mais duro (ou *hawkish*), sinalizando que o Comitê fará o que for preciso para levar a inflação à meta e garantir a ancoragem das expectativas, mesmo com a evidente perda de tração da economia. Assim, o comunicado abriu interpretação para uma Selic terminal mais alta e mantida em tal patamar elevado por mais tempo. Os documentos desta semana devem trazer mais detalhes, ajudando a calibrar as expectativas do mercado.

Na agenda de indicadores, destaque para os dados de atividade que serão conhecidos na semana e que devem confirmar a leitura de uma economia enfraquecida. Na terça (14), o IBGE divulga o resultado do setor de serviços, que deve mostrar ligeira alta de 0,1% em outubro. Após decepcionar no mês anterior (-0,6%), o setor deve mostrar modesta recuperação, ainda impulsionada pela reabertura das atividades, que beneficia especialmente os serviços prestados às famílias (e que ainda se encontram em patamar deprimido). O pequeno avanço do setor, no entanto, não deve ser suficiente para sustentar a expansão da atividade no mês. Neste sentido, o BCB divulga, na quarta (15), o índice IBC-Br de atividade econômica, *proxy* mensal do PIB, que deve mostrar nova retração em outubro, de 0,2%, a terceira seguida. O recuo esperado reflete a nova decepção com o varejo (-0,9%) e a retração da indústria (-0,6%), que contribui negativamente com a atividade há cinco meses. Assim, os números devem confirmar um início de 4º trimestre bastante fraco em termos da atividade econômica.

Por fim, a FGV divulga o IGP-10 de dezembro na quarta (15), que deve mostrar deflação de 0,57% no mês. O resultado deve refletir a queda dos preços de importantes *commodities*, como minério de ferro e soja, compensando a pressão altista dos combustíveis. Com isso, o índice deve seguir em desaceleração no acumulado em 12 meses, de 19,78% para 16,80%, além de sugerir alguma descompressão da inflação no varejo no início de 2022.

Quadro 1: Indicadores de Atividade – Var. % mensal



Fonte: BCB e IBGE. Projeção: Bloomberg



AGENDA DA SEMANA

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/dez	Zona do Euro	Produção Industrial	Out/21	1,3% m/m	-0,2% m/m
14/dez	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Nov/21	0,5% m/m 9,2% a/a	0,6% m/m 8,6% a/a
14/dez	China	Produção Industrial	Nov/21	3,8% a/a	3,5% a/a
14/dez	China	Vendas no Varejo	Nov/21	4,8% a/a	4,9% a/a
15/dez	EUA	Reunião de Política Monetária do Fomc	-	0,0% a 0,25% aa	0,0% a 0,25% aa
15/dez	EUA	Vendas no Varejo	Nov/21	0,8% m/m	1,7% m/m
16/dez	Zona do Euro	Reunião de Política Monetária do BCE	-	-0,5% aa; 0,0% aa; 0,25% aa	-0,5% aa; 0,0% aa; 0,25% aa
16/dez	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Dez/21 – prévia	57,9 pts / 54,3 pts	58,4 pts / 55,9 pts
16/dez	EUA	Produção Industrial	Nov/21	0,7% m/m	1,6% m/m
16/dez	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Dez/21 – prévia	58,5 pts / 58,7 pts	58,3 pts / 58,0 pts
17/dez	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Nov/21	4,9% a/a	4,1% a/a

Fonte: Bloomberg

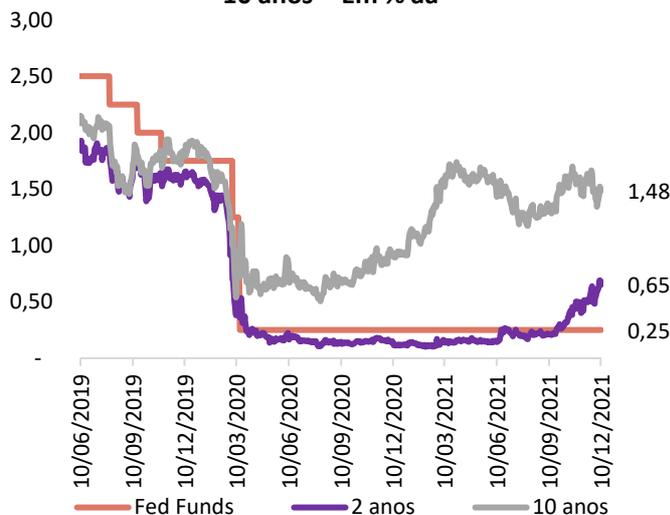
FED deve anunciar aceleração da retirada de estímulos monetários

Em meio ao quadro de intensa pressão inflacionária global, as reuniões de política monetária nos EUA e na Zona do Euro serão os destaques da semana. Nos EUA, o Fomc se reúne na quarta-feira (15), com o mercado apostando no anúncio de uma redução mais rápida dos estímulos. A percepção do mercado mudou após Jerome Powell, em depoimento ao Congresso, abandonar a palavra “transitória” para tratar da inflação e se mostrar mais propenso à combatê-la, diante de um cenário no qual a inflação atingiu o maior nível desde 1982. Assim, os agentes esperam uma redução de US\$ 15 bi (para US\$ 30 bi p/mês) no volume mensal de compras de ativos, antecipando o término do programa de jun/22 para mar/22. Com o fim antecipado do *tapering*, subentende-se que o Fed pode iniciar o ciclo de aumento de juro ainda no 1º semestre de 2022.

Ainda nos EUA, na terça-feira (14) será divulgada a inflação ao produtor (PPI) de novembro, cuja expectativa é que siga em aceleração, para 9,2% (ante 8,6%), voltando a superar o maior patamar da série histórica (desde nov/2009). Em relação à atividade econômica, serão conhecidos ao longo da semana, as vendas no varejo e a produção industrial, ambos de outubro, e as prévias de dezembro dos índices PMIs (manufatura e serviços). Em geral, as projeções indicam continuidade do processo de retomada econômica no país.

Na Zona do Euro, o BCE se reúne na quinta-feira (16), num contexto em que a aceleração da inflação tem levado a uma crescente divergência entre seus dirigentes em relação à redução (ou não) dos estímulos monetários. De toda forma, a percepção é que o BCE deve ser mais cauteloso, inclusive em função da disseminação da variante ômicron no continente, e indicar a manutenção dos estímulos por mais tempo. Também na semana, na sexta (17), será divulgada a inflação ao consumidor (CPI) de novembro, que deve atingir 4,9%, maior patamar em 30 anos. Em relação à atividade, saem os dados de produção industrial de outubro e a prévia de dezembro dos PMIs de manufatura e serviços. Por fim, na China, na terça (14) serão conhecidos os dados de novembro da produção industrial e vendas no varejo, que devem indicar alguma acomodação das taxas de crescimento, embora em níveis historicamente baixos para o país.

Quadro 2: EUA – Fed Funds e Taxas de Juros de 2 e 10 anos - Em % aa



Fonte: Bloomberg. Projeção: Bloomberg



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom eleva Selic em 1,5 pp e sinaliza nova alta de mesma magnitude

O Copom voltou a elevar a taxa Selic em 1,5 pp na última reunião do ano, levando a taxa básica para 9,25% aa. A decisão veio em linha com a expectativa do mercado, mas com uma postura bastante dura do Colegiado. Diante do arrefecimento da atividade, parte dos analistas esperava que o Comitê deixasse em aberto a possibilidade de uma alta mais contida da Selic na próxima reunião, em fevereiro (dias 1 e 2), mas não foi o que aconteceu. Com a leitura de uma inflação acima do esperado e do risco de desancoragem das expectativas, o Copom antevê outro ajuste da mesma magnitude em sua próxima reunião, que levaria a taxa Selic para 10,75% aa, mencionando ser apropriado que o ciclo de aperto monetário avence significativamente em território contracionista.

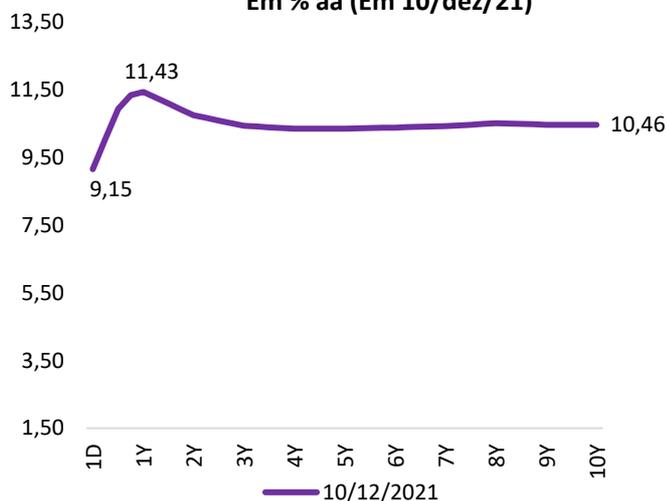
Em sua avaliação de conjuntura, o Colegiado ponderou que o cenário internacional se tornou menos favorável, que a atividade doméstica se mostra moderadamente abaixo do esperado e que a inflação segue surpreendendo para cima. Considerando o cenário básico (Selic se elevando para 11,75% aa ao longo de 2022 e terminando o ano em 11,25% aa), as projeções de inflação do BCB estão em 10,2% para 2021, 4,7% para 2022 e 3,2% para 2023, com revisão para cima em todas elas. Assim, em tese, seria necessário levar a Selic para acima de 11,75% aa em 2022 para garantir o retorno da inflação à meta apenas em 2023.

No geral, o tom do comunicado indica a possibilidade de uma Selic terminal acima de 11,75% aa, com a persistência da taxa básica em tal patamar por um bom tempo, de modo a garantir a convergência da inflação para o centro da meta ainda no começo de 2023, nem que isto custe alguma perda de produto em 2022, o que de fato, parece ser o mais prudente por parte do Copom.

Em relação à inflação, o resultado do IPCA de novembro surpreendeu positivamente, trazendo algum alívio. O índice subiu 0,95% no mês, abaixo da expectativa do mercado (1,09%), além de desacelerar ante o dado do mês anterior (1,25%). O resultado, no entanto, também foi beneficiado pelos descontos da *Black Friday*, que são pontuais, e não reverte o quadro delicado do cenário inflacionário. A variação acumulada em 12 meses avançou para 10,74%, maior patamar desde nov/03 (11,02%), reforçando a expectativa que o índice feche o ano em dois dígitos.

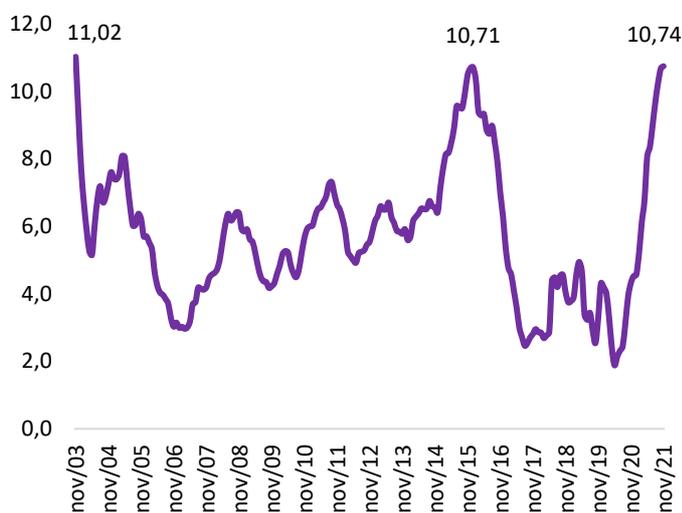
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 3: Curva de Juros – Swap Pré-DI Em % aa (Em 10/dez/21)



Fonte: Bloomberg

Quadro 4: IPCA – Acumulado em 12 meses (%)



Fonte: IBGE

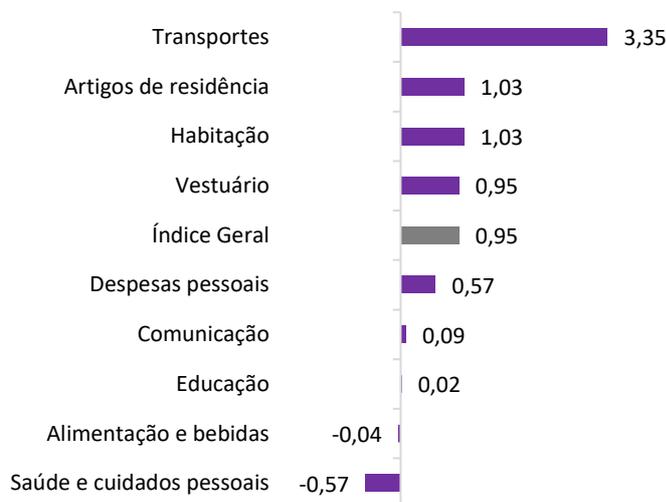
No mês, a maioria (7 dos 9) dos grupos seguiu avançando, mas apenas o grupo transportes acelerou ante outubro, de 2,62% para 3,35%. O grupo exerceu o maior impacto no índice (0,72 pp), novamente pressionado pelos combustíveis (+7,74%), responsáveis por mais de 60% da inflação do mês. O 2º maior impacto veio do grupo habitação (0,17 pp), mais uma vez pressionado por reajustes na tarifa de energia elétrica (+1,24%) em alguns estados, além de nova alta do botijão de gás (+2,12%), a 18ª seguida. Na outra direção, os descontos da *Black Friday* puxaram os preços dos bens industriais e de serviços para baixo. Os destaques foram alimentação fora do domicílio (-0,25%), passagens aéreas (-6,12%) e itens de higiene pessoal (-3,00%), como perfumes (-10,66%) e artigos de maquiagem (-3,94%). Os alimentos consumidos no domicílio também contribuíram para a desaceleração do índice (+0,04% ante +1,32%), com deflação de importantes itens da cesta, como carnes (-1,38%), leite (-4,83%) e arroz (-3,58%).

No geral, parte da desaceleração do índice decorreu das promoções do evento, com os preços podendo voltar a subir em dezembro. Ademais, no acumulado em 12 meses, que elimina tal componente sazonal, os serviços subjacentes se mantiveram estáveis, enquanto itens industriais e a média dos núcleos seguiram avançando. Assim, apesar do leve alívio no mês, o resultado requer alguma cautela. A convergência da inflação ao centro da meta segue sendo um desafio para o BCB, com probabilidade muito baixa disso ocorrer ainda em 2022.

Ainda no cenário inflacionário, o IGP-DI registrou deflação de 0,58% em novembro, o terceiro recuo nos últimos 4 meses, dando sequência ao processo de desaceleração do índice no acumulado em 12 meses (de 21,0% para 17,2%). O resultado seguiu influenciado pelo alívio dos preços de importantes *commodities*, como minério de ferro, soja e milho, levando a uma nova deflação do índice no atacado (-1,16%). Os preços ao consumidor, por sua vez, aceleraram de 0,77% para 1,08%, pressionados pela gasolina e custos de habitação (energia elétrica e condomínio residencial). A expectativa é de que o alívio nos preços de algumas *commodities* (agrícolas e metálicas) contribua para o processo de desinflação no varejo no início de 2022.

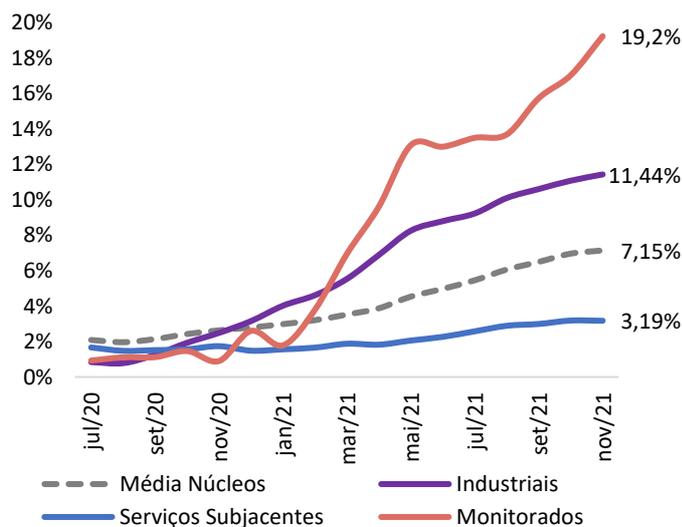
No âmbito da atividade, os números do comércio varejista (conceito ampliado) trouxeram mais uma surpresa negativa ao recuar 0,9% em outubro, contrastando com a expectativa de estabilidade do mercado. Este foi o terceiro recuo mensal seguido, confirmando a perda de ímpeto do setor, que deve seguir enfraquecido no último trimestre do ano, diante da elevada inflação, que reduz o poder de compra das famílias e impacta o volume de vendas.

Quadro 5: IPCA Grupos – Var. % mensal Novembro



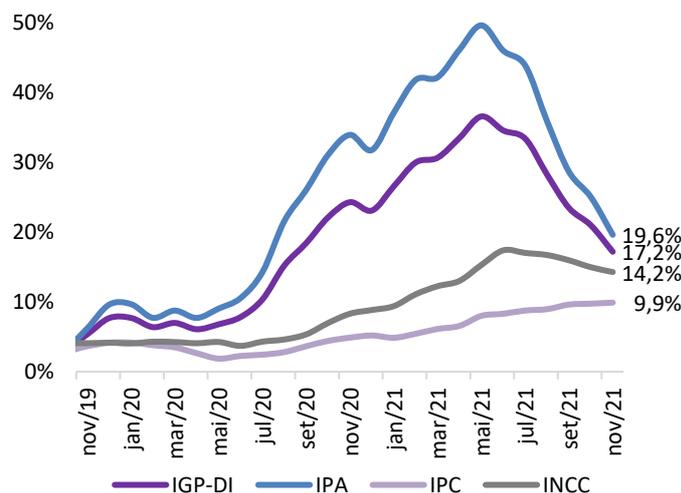
Fonte: IBGE

Quadro 6: Aberturas IPCA – Acum. 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 7: IGP-DI e Aberturas – Acum. em 12 meses



Fonte: FGV

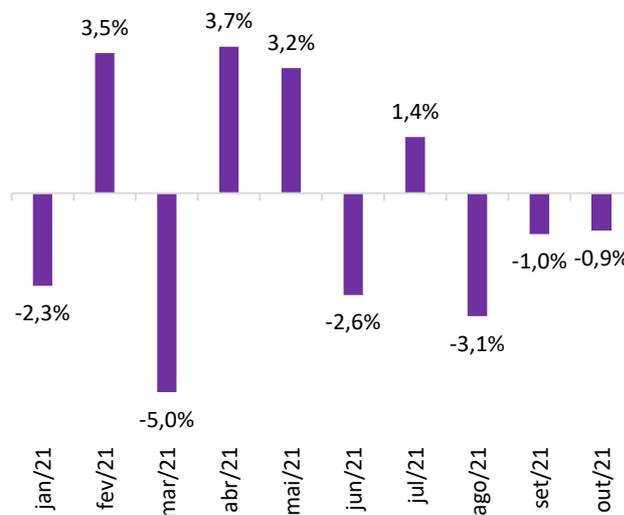
No mês, por exemplo, enquanto o volume de vendas recuou 0,9%, as receitas nominais aumentaram 0,1%. O aumento da inflação tem impactado, em especial as atividades como supermercados (-0,3%) e combustíveis (-0,3%), que seguem mostrando retração. Este, contudo, não é o único obstáculo do setor, que também vê seu volume de vendas recuar pelo deslocamento do consumo de bens para serviços, encarecimento do crédito (em resposta à alta da Selic), que afeta especialmente o consumo de duráveis (móveis e eletrodomésticos e veículos), além do mercado de trabalho ainda fragilizado. Não à toa, o desempenho negativo foi disseminado entre as atividades, com 7 das 10 analisadas mostrando recuo em outubro.

O resultado do mês deixa um carregamento estatístico negativo para o 4º trimestre (-2,7%) do setor, com expectativa de que o varejo contribua negativamente para o PIB do período. Em novembro, as vendas devem ser impulsionadas pelas promoções de *Black Friday*, mas a perspectiva para o varejo não é animadora, como sinalizam os principais indicadores antecedentes já divulgados, como o emplacamento de veículos (Fenabreve) e a confiança do comércio (FGV), que mostraram novas retrações.

Ainda sobre atividade, a semana também trouxe o resultado da produção de veículos de novembro, que mostrou alguma melhora na margem, embora o setor siga enfrentando problemas com a falta de insumos. Segundo a Anfavea, a produção total de veículos foi de 206 mil unidades, 15,1% a mais que em outubro (segundo estimativa da Febraban), mas o pior resultado para o mês desde 2015 (crise de demanda). Apesar da maior procura no final do ano, a falta de componentes eletrônicos segue travando os veículos (incompletos) nos pátios das fábricas, com os baixos estoques não sendo capazes de reduzir as filas de espera.

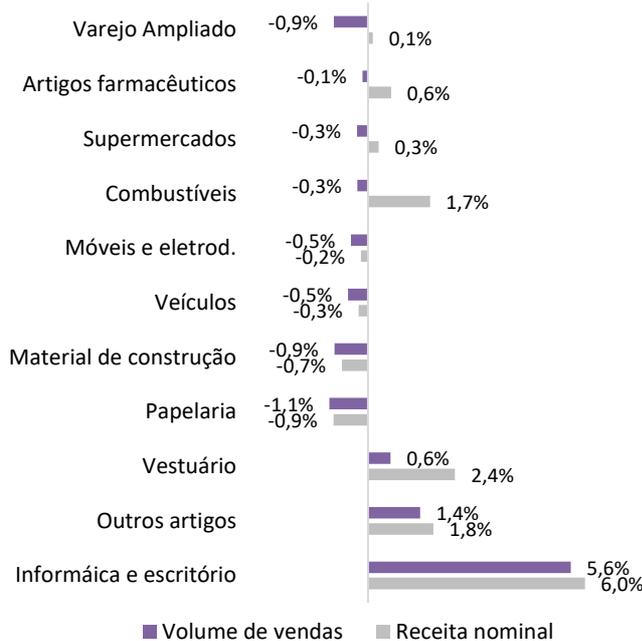
No geral, a nova decepção com o varejo e a manutenção dos problemas de oferta do setor automotivo se somam aos números negativos do PIB do 3º trimestre e da produção industrial de outubro, reforçando a expectativa de um desempenho fraco da atividade neste fim de ano. Não à toa, as projeções para o PIB de 2021 e de 2022 seguem sendo revisadas para baixo, com preocupação adicional para o desempenho do ano seguinte, que pode ser mais fraco que o inicialmente esperado.

Quadro 8: Varejo Ampliado – Var. % mensal



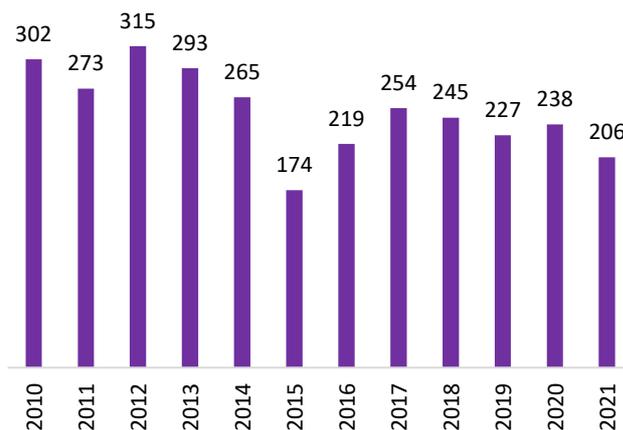
Fonte: IBGE

Quadro 9: Varejo – Volume de vendas e Receita Nominal Var. % mensal (out/21)



Fonte: IBGE

Quadro 10: Anfavea - Produção total de veículos – em milhares – Meses de Novembro



Fonte: Anfavea

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

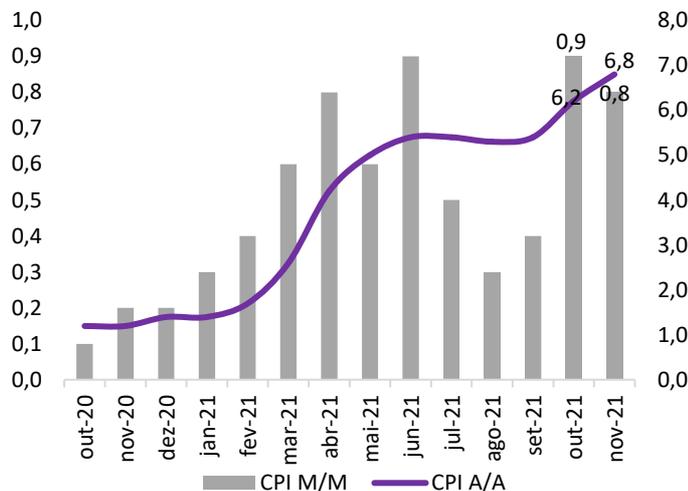
Forte inflação sugere aceleração da retirada de estímulos pelo Fed

Os mercados internacionais registraram ganhos na semana passada, refletindo algum alívio em relação ao temor quanto aos efeitos negativos decorrentes da variante ômicron, embora o tema siga como fonte de incerteza. Também contribuiu positivamente a notícia que a China reduzirá a alíquota dos compulsórios como forma de dar suporte à sua economia. Por outro lado, a forte pressão inflacionária segue no centro das atenções e os agentes já precificam uma aceleração da retirada de estímulos pelo Fed.

Neste sentido, a inflação ao consumidor (CPI) nos EUA subiu 0,8% em novembro, ligeiramente acima do esperado pelo mercado (+0,7%), mas abaixo do dado de outubro (+0,9%). No acumulado em 12 meses, atingiu 6,8% (ante 6,2%), o maior nível em quase 40 anos (7,1% em jun/82) e que posteriormente levou a intensa alta de juros pelo Fed, sob o comando de Paul Volcker. No mês, os impactos mais significativos seguiram vindo do preço da gasolina (+6,1%) e dos carros usados (+2,5%). Assim, o mercado passou a esperar uma retirada mais célere dos estímulos pelo Fed, abrindo caminho para uma alta de juros já no 1º semestre de 2022. Outra indicação que reforça esta possibilidade veio do mercado de trabalho, que segue em recuperação. Os novos pedidos de seguro desemprego atingiram o menor nível desde setembro de 1969 ao registrar 184 mil pedidos na 1ª semana de dezembro. Ainda nos EUA, a prévia de dezembro da confiança do consumidor voltou a subir, atingindo 70,4 pts (ante 67,4 pts em nov/21), segundo a Univ. de Michigan. Apesar da elevação, o indicador segue em baixo patamar, diante da preocupação dos consumidores norte-americanos com a inflação.

Na China, as exportações cresceram 22,0% em novembro ante o mesmo mês de 2020, superando as expectativas, mas desacelerando em relação a outubro (+27,1%). Tal movimento pode ser explicado pela valorização do yuan, altos custos e demanda mais fraca. Por outro lado, as importações subiram 31,7% no mesmo comparativo, bem acima das expectativas (+21,5%) e com forte aceleração ante outubro (+20,6%), reflexo do aumento dos preços e volumes de importação de carvão e gás natural. Quanto à inflação, o índice ao consumidor acelerou de 1,5% para 2,3% em novembro, puxado pelos alimentos. A inflação ao produtor, por sua vez, desacelerou de 13,5% para 12,9%, após intervenções do governo nos preços do carvão e metais. Por fim, na Zona do Euro, a 3ª prévia do PIB do 3T21 confirmou a estimativa anterior ao registrar crescimento de 2,2% ante o 2T21.

Quadro 11: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % a/a e m/m



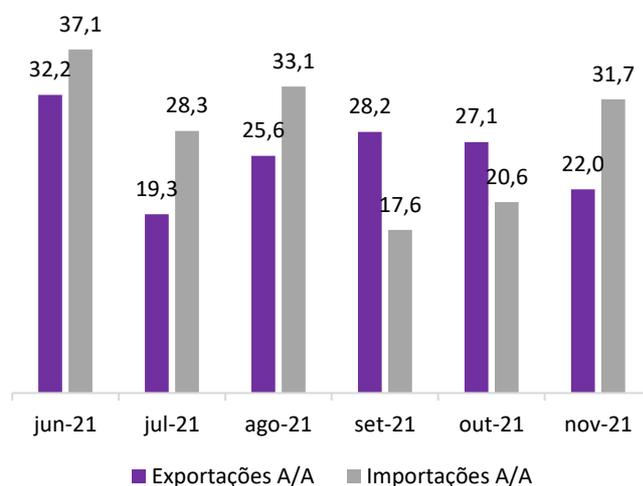
Fonte: Bloomberg.

Quadro 12: EUA – Confiança do Consumidor (Univ. de Michigan) – Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 13: China – Exportações e Importações
Var.% ante mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg

Crédito/Bancos

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Nov/21

A caderneta de poupança registrou saque líquido de R\$ 12,4 bilhões em novembro, conforme divulgado pelo Banco Central. O resultado é o pior para o mês de novembro desde o início da série histórica (1995), com dados ajustados pela inflação, conforme Quadro 14, e o segundo mais fraco do ano, melhor apenas que o dado de janeiro (R\$ - 19,8 bi).

O expressivo resultado negativo do mês pode ser explicado por vários fatores. Em primeiro lugar, boa parte dos beneficiários do Auxílio Emergencial não receberam mais os recursos do programa, dado que este se encerrou em outubro, e apenas os inscritos no Bolsa Família tiveram direito ao benefício. Além disso, normalmente, o mês é marcado por ingresso de recursos na caderneta, dado que parte dos trabalhadores e aposentados recebem a primeira parcela do 13º salário no mês. No entanto, neste ano (assim como em 2020), os aposentados já receberam o benefício entre os meses de maio a julho, o que também contribuiu para o resultado negativo.

Desde agosto os saques vêm superando os depósitos na modalidade, resultando em um volume de retiradas de R\$ 33,4 bi no período. A conjuntura desfavorável, caracterizada por elevada inflação e um mercado de trabalho que ainda não se recuperou integralmente desde o início da pandemia aparecem como os principais fatores para explicar tal dinâmica.

Neste contexto, o saldo real da caderneta de poupança registrou a quinta queda mensal consecutiva e atingiu R\$ 1,019 trilhão, montante 10,0% menor do que o pico alcançado em dezembro de 2020 (R\$ 1,132 tri), embora ainda R\$ 70,1 bi (ou 7,4%) superior ao volume de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). Assim, após um período de forte aumento do saldo da modalidade, fruto dos recursos oriundos do auxílio emergencial e menores gastos de consumo (restrições de mobilidade), parte relevante de tais recursos vai sendo consumida ao longo de 2021, diante do cenário econômico pouco favorável. Tal dinâmica acende uma luz amarela para a expansão do crédito imobiliário, dado que os recursos da caderneta são a principal fonte de *funding* para a linha de crédito, embora ainda não haja nenhuma indicação de restrição de recursos.

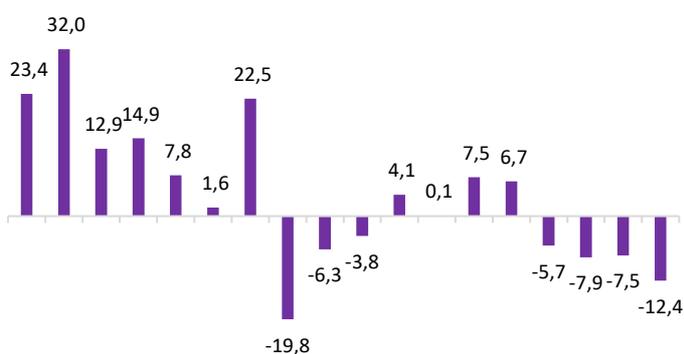
Por fim, vale ressaltar que com a elevação da Selic para 9,25% aa (acima de 8,5% aa), a regra de remuneração da caderneta volta a ser de 0,5% a.m. + TR (ou 6,17% aa, com a TR = 0%), ante regra anterior, de 70% da Selic + TR.

Quadro 14: Captação Líquida da Poupança nos meses de Novembro – Em R\$ bi (Valores de Nov/21 - IPCA)



Fonte: BCB.

Quadro 15: Captação Líquida da Poupança – Em R\$ bi (Valores de Nov/21 - IPCA)



Fonte: BCB

Quadro 16: Saldo de Recursos na Caderneta de Poupança (Em R\$ bi – Valor de Nov/21 - IPCA)



Fonte: BCB

Boletim do Mercado de Capitais / Anbima – Nov/21

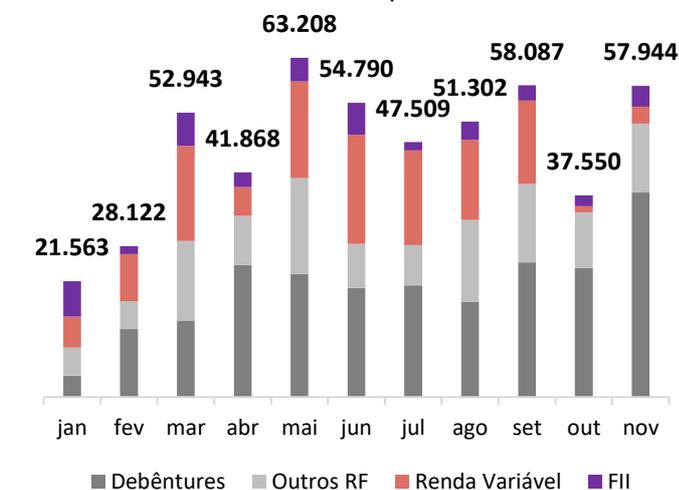
A Anbima informou que as empresas captaram R\$ 57,9 bilhões no mercado doméstico de capitais em novembro, expressiva alta de 54,3% ante o mês de outubro e terceiro melhor resultado do ano, abaixo apenas dos volumes observados nos meses de maio (R\$ 63,2 bi) e setembro (R\$ 58,1 bi). Com isso, o volume captado no acumulado do ano atingiu R\$ 514,9 bi, crescimento de 67,0% em relação ao observado no mesmo período de 2020 (R\$ 308,4 bi).

Embora a piora das expectativas econômicas para 2022 e o contínuo aumento da taxa Selic tenham afetado sensivelmente as operações de abertura de capital, por outro lado, tal cenário tem estimulado o aumento das emissões de títulos de dívida, em especial, de debêntures. Tais operações movimentaram R\$ 38,1 bi no mês, aumento de 58,9% ante outubro, maior volume emitido em um único mês do ano. No ano, já foram emitidos R\$ 224,7 bi em debêntures, aumento de 140,5% ante 2020. Além disso, mesmo sem o dado de dezembro, o resultado deste ano já supera o volume emitido em todo o ano de 2019 (R\$ 210,9 bi), recorde até então, com números já ajustados pela inflação. Tal performance ilustra a importância recente do mercado de capitais para a captação de recursos pelas (grandes) empresas, substituindo o BNDES, que até pouco tempo atrás era a principal fonte de recursos (subsidiados) para tais companhias. Os demais instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs, entre outros) movimentaram R\$ 12,8 bi no mês, alta de 22,6% no mês, acumulando R\$ 120,9 bi no ano (+56,5% ante o mesmo período de 2020).

Já as captações envolvendo operações de renda variável (IPOs e Follow-ons) tiveram outro mês fraco, movimentando apenas R\$ 3,2 bi, segundo pior volume do ano e superior apenas ao dado de outubro (R\$ 1,1 bi), diante do cenário de incerteza e da expectativa de baixo crescimento. No acumulado do ano, tais operações movimentaram R\$ 128,4 bi (+29,3% ante 2020), em função do forte desempenho observado até agosto. Por fim, as emissões de fundos imobiliários (FIIs) somaram R\$ 3,8 bi em novembro, se recuperando ante outubro (R\$ 2,0 bi), embora o segmento continue sob pressão diante do contínuo aumento da Selic. No ano, os FIIs captaram R\$ 40,9 bi (+6,4% ante 2020), mas, com alta probabilidade de não atingir o valor de R\$ 44,4 bi ofertado em todo o ano de 2020.

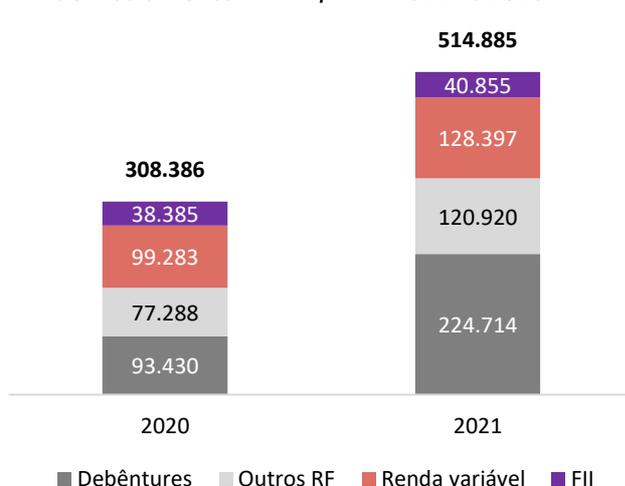
Assim, embora a piora das condições econômicas tenha prejudicado as emissões de instrumentos de renda variável e FIIs, observa-se apetite por títulos de dívida, dado o aumento do juro, mantendo o mercado de capitais como uma fonte importante de captação de recursos pelas empresas.

Quadro 17: Captação no Mercado de Capitais – Por Tipo de Instrumento - Em R\$ mi – Em 2021



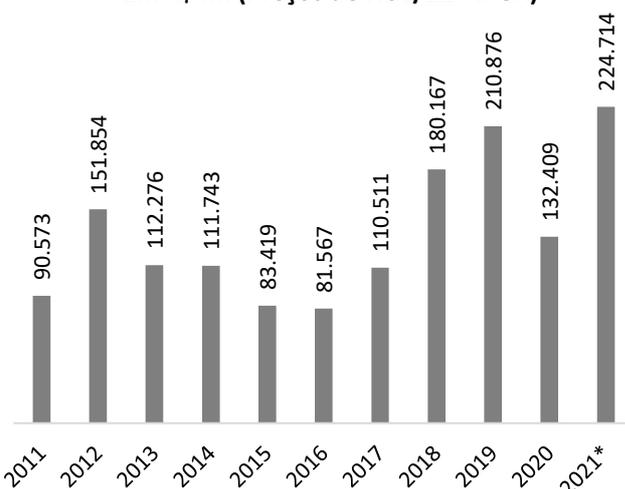
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban

Quadro 18: Captação no Mercado de Capitais – Por Tipo de Instrumento - Em R\$ mi – 2021 vs 2020*



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban. *Dados acumulados até novembro

Quadro 19: Captação de Recursos via Debêntures – Em R\$ mi (Preços de Nov/21 - IPCA)



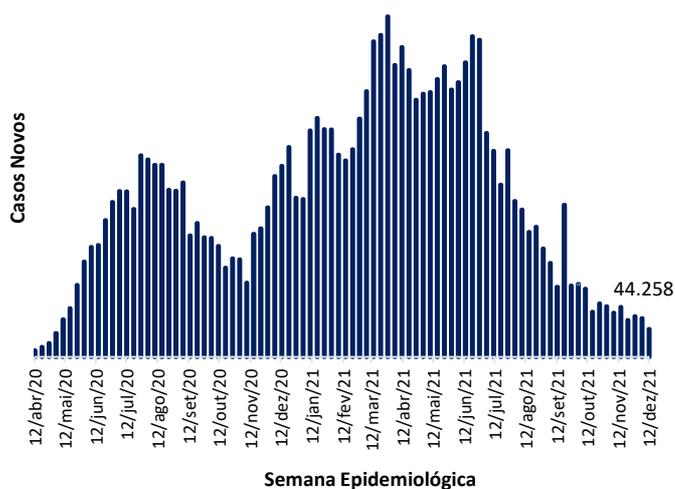
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban. *Dados acumulados até novembro

Covid-19 - Acompanhamento

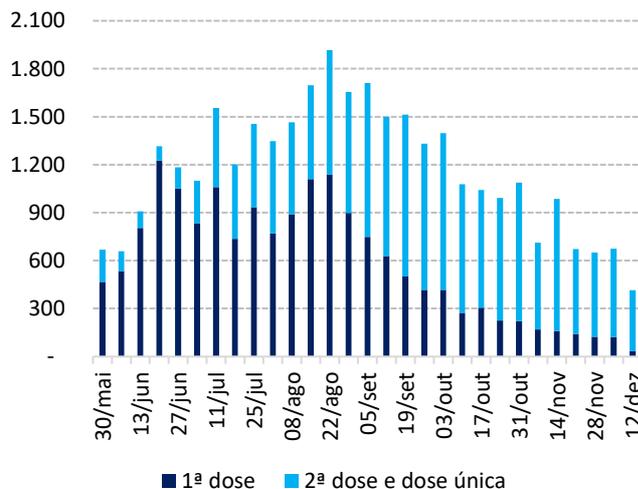
A leitura dos números de casos e óbitos da Covid-19 no Brasil foi fortemente impactada por um ataque *hacker* no site do Ministério da Saúde e na página do ConecteSUS, que afetou de forma indireta a divulgação dos casos e óbitos, referentes à domingo (12), de nove estados (GO, MS, PB, RN, RO, RR, RS, SP e TO). Sendo assim, com números viesados para baixo, a quantidade de casos e óbitos atingiram o menor valor desde maio de 2020. Na última semana epidemiológica, foram registrados 44,3 mil casos, queda de 27,9% ante a semana anterior, o que corresponde a uma média móvel (7 dias) de 6,3 mil casos por dia. O número de óbitos também apresentou queda (-5,7%), sendo registrados 1.305 óbitos no período, equivalente a uma média móvel (7 dias) de 186 óbitos por dia.

A vacinação no país segue avançando, principalmente com relação à segunda dose e dose de reforço. Até o momento, 139,3 milhões de brasileiros estão completamente vacinados, o que equivale a 65,3% da população total. A dose de reforço já foi aplicada em 20,4 milhões de pessoas (9,6% da população). Por fim, o número de pessoas com ao menos uma dose também aumentou na última semana, se aproximando da marca de 160 milhões (159,8 mi), correspondente a 74,9% da população.

Quadro 20: Novos Casos – semana epidemiológica

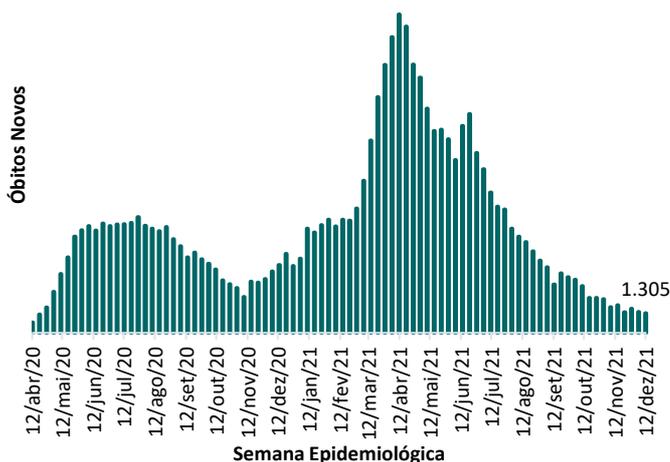


Quadro 22: Doses de Vacinas Aplicadas por Dia – Média da Semana*

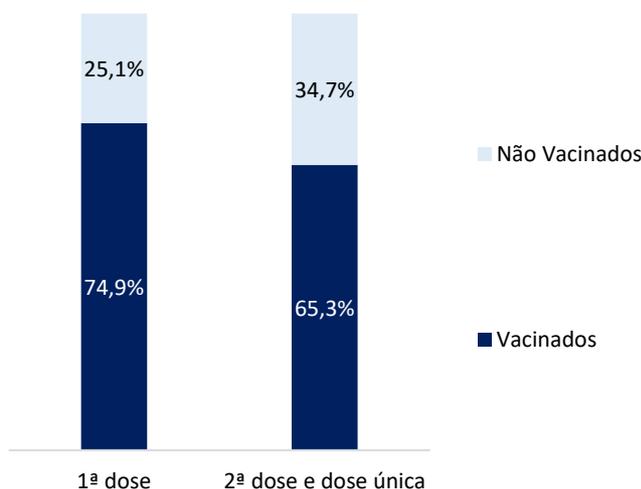


* Não soma as aplicações da 3ª dose

Quadro 21: Novos Óbitos – semana epidemiológica



Quadro 23: % da População Vacinada (Em 12/dez)





MERCADOS E EXPECTATIVAS

MERCADOS LOCAIS

FOCUS – Indicadores Seleccionados	2021				2022			
	10/12/21	3/12/21	12/11/21	Viés	10/12/21	3/12/21	12/11/21	Viés
IPCA (%)	10,05	10,18	9,77	▼	5,02	5,02	4,79	↔
PIB (% de crescimento)	4,65	4,71	4,88	▼	0,50	0,51	0,93	▼
Meta Selic - fim do ano (%a.a.)	-	9,25	9,25	-	11,50	11,25	11,00	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,59	5,56	5,50	▲	5,55	5,55	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	10/12/21	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,61	-0,77%	-0,26%	8,03%	8,53%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	220,80	-7,32%	-14,23%	53,34%	41,39%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	9,16	3,05%	4,66%	376,38%	376,98%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,41	1,30%	-2,51%	299,66%	291,70%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,33	-7,19%	-8,49%	70,25%	58,99%
Índice Ibovespa (em pontos)	107.758,30	2,56%	5,73%	-9,46%	-4,64%
IFNC (setor financeiro)	9.884,27	0,80%	3,25%	-19,49%	-13,70%
Banco ABC Brasil	17,97	4,48%	6,14%	15,37%	24,42%
Banco do Brasil	32,50	0,93%	2,07%	-16,24%	-9,62%
Banco Inter	37,51	13,70%	3,53%	14,30%	41,55%
Banco Mercantil	9,97	1,73%	9,86%	-98,77%	-98,82%
Banco Pan	13,48	16,61%	19,72%	41,45%	34,53%
Banco Pine	1,82	7,06%	4,00%	-27,78%	-31,58%
Banestes	4,76	0,63%	1,49%	-12,66%	-8,29%
Banrisul	9,93	-0,60%	-1,68%	-31,85%	-27,31%
Bradesco ON	17,20	-3,43%	1,06%	-21,82%	-16,76%
Bradesco PN	20,21	-2,65%	1,51%	-18,09%	-13,60%
BTG Pactual	22,78	7,20%	8,79%	-3,06%	14,70%
Itaú Unibanco ON	19,96	-3,57%	-0,70%	-12,11%	-9,49%
Itaú Unibanco PN	22,16	-3,57%	-0,98%	-15,04%	-12,00%
Santander	31,96	-5,05%	-3,03%	-26,40%	-23,17%

Fonte: Bloomberg

**MERCADOS
INTERNACIONAIS**

Indicadores do Mercado	10/12/21	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Fed Funds (% a.a.)	0,25	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	0,65	11,41%	15,81%	440,30%	339,72%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	1,48	10,48%	2,73%	62,47%	58,50%
Dollar Index	96,10	-0,02%	0,11%	6,85%	5,50%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.712,02	3,82%	3,18%	25,45%	28,29%
Índice de ações de bancos - EUA	125,21	2,17%	2,30%	32,36%	36,47%
Índice Euro Stoxx 50	4.199,16	2,92%	3,35%	18,20%	18,99%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	96,78	2,03%	3,18%	31,19%	25,75%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	75,15	7,54%	6,49%	45,08%	53,81%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira